

Descolonizando o Turbante na Cultura Afro-Brasileira: uma proposta de intervenção

Descolonizando el Turbante en la Cultura Afrobrasileña: una propuesta de intervención

Gilmara de Souza de Brito¹

Marcos Antônio Bessa-Olivera²

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar a realização do projeto de intervenção intitulado “Palestra-Oficina – (des)Colonizando o Turbante na Cultura Afro-Brasileira” que ocorreu em fevereiro de 2019 para alunos do curso de Artes Cênicas – Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS. A proposta de intervenção no âmbito educacional faz parte da determinação do Projeto Pedagógico do Programa de Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC/UEMS/UUCG, no qual autora e coautor do texto foram, respectivamente, mestrandas e orientador. A proposta se baseou em uma palestra-oficina, em que a proponente a partir de epistemologias *outras*, descoloniais, levantou discussões a cerca da ressignificação do turbante dentro da cultura afro-brasileira, transpondo o local de exclusão que este elemento cultural de forte representação da ancestralidade negra acabou herdando com o processo de colonização em nosso território. Aqui serão apresentados os resultados da atividade, além de ser uma fonte de pesquisa e base para que outros projetos possam seguir com o mesmo objetivo de transposição do eurocentrismo presente em nossa sociedade, principalmente no âmbito educacional.

Palavras-Chave: Cultura Afro-Brasileira; Descolonização; Pós-Colonialismo; Turbante.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar la realización del proyecto de intervención titulado “Palestra-Oficina – (des)Colonizando o Turbante na Cultura Afro-Brasileira” que tuvo lugar en febrero de 2019 para estudiantes del curso de Artes Escénicas - Licenciatura de la Universidad Estatal de Mato Grosso do Sul/UEMS. La propuesta de intervención en el ámbito educativo se enmarca en la determinación del Proyecto Pedagógico del Programa de Maestría Profesional en Educación - PROFEDUC/UEMS/UUCG, en el que el autor y coautor del texto fueron, respectivamente, alumno de maestría y asesor. La propuesta se basó en una charla taller, en la que el proponente, de otras epistemologías descoloniales, planteó discusiones sobre la resignificación del turbante dentro de la cultura afrobrasileña, superando el lugar de exclusión que este elemento cultural de fuerte representación de ascendencia negra terminó heredando con el proceso de colonización en nuestro territorio. Aquí se presentarán los resultados de la actividad, además de ser fuente de investigación y base para otros proyectos a seguir con el mismo objetivo de trasponer el eurocentrismo presente en nuestra sociedad, principalmente en el ámbito educativo.

Palabras claves: Cultura Afrobrasileña; Descolonización; Poscolonialismo; Turbante.

¹ Mestre em Educação; NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas/UEMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; profgilmarabrito@hotmail.com.

² Doutor em Artes Visuais; NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas/UEMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; marcosbessa2001@gmail.com.

1. Introdução

A pesquisa dissertativa intitulada “Com o Pano em Mãos, Meu Nome é África: possibilidades *outras* para além da implementação da Lei 10.639/2003”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC/UEMS/UUCG foi defendida em março de 2019, porém, por tratar-se de um programa de mestrado profissional, uma das determinações do Projeto Pedagógico é a realização de um projeto de intervenção no âmbito educacional como resultado da pesquisa.

Dessa forma, a partir do objetivo principal da pesquisa em propor epistemologias *outras* para (re)significarmos nossa formação sócio-histórico-cultural em relação à História e Cultura Afro-Brasileira, como possibilidade para além de somente implementar a Lei 10.639/2003³, propusemos a tomada/despertar de consciência dos sujeitos envolvidos no processo educacional brasileiro – estudantes de licenciatura, futuros professores - em um projeto de intervenção no âmbito educacional realizado com estudantes de licenciatura.

A proposta se baseou nas teorias Descoloniais de Aníbal Quijano e Walter Dignolo, ao analisarem as sociedades que sofreram processo de colonização e que, por isso, convivem com as mazelas dessa intervenção político-cultural. Pois, de acordo com Quijano (2002), essas sociedades, mais especificamente a América Latina, convivem com o que ele denominou de colonialidade do poder, que é a ideia de hierarquização entre os membros de uma sociedade que sofreu o processo de colonização, afirmada por Dignolo a partir do conceito de diferença colonial que ele definiu como “A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder” (DIGNOLO, 2003, p. 10).

Sendo assim, Dignolo propõe o pensamento descolonial em resposta à diferença colonial e à colonialidade do poder, que são a emergência de epistemologias *outras*, propostas que emergem dos sujeitos e dos locais que sofreram o processo de colonização, a partir do que ele denomina *pensamento ou gnose liminar*.

A gnosiologia liminar é uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento, a partir tanto das margens internas do sistema mundial colonial/moderno (conflitos imperiais, línguas hegemônicas, direcionalidade de traduções etc.), quanto das margens externas (conflitos imperiais com culturas que estão sendo colonizadas, bem como as etapas subseqüentes de independência ou descolonização). (DIGNOLO, 2003, p. 33-34).

Dessa forma, o pensamento ou a gnose liminar parte da perspectiva de que os territórios colonizados e que foram subalternizados pelo pensamento colonial moderno devem fazer emergir as suas próprias epistemologias, pois, somente o pensamento vindo do próprio território marginalizado pode de fato “falar” por ele.

³ Cf. “Art 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras” (BRASIL, 2003, s/p).

Por isso, com base nas teorias desses pesquisadores descoloniais fizemos emergir as nossas discussões na proposta de intervenção aqui apresentada, baseadas no conceito de *biogeografias* proposto por Bessa-Oliveira (2017). Esta epistemologia *outra* leva em consideração o *bios* (o sujeito do lugar), o *geo* (o lugar de onde esse sujeito erige seu discurso) e *grafias* (as diferentes produções e práticas culturais desses sujeitos e lugares) e, “[...] é uma maneira *outra* de pensar o indivíduo em um espaço geográfico determinado (periférico ou não-periférico), para que este sujeito fale, e coloque-se em primeira pessoa perante o mundo.” (BRITO, 2019, p. 55).

Dessa forma, a nossa proposta de epistemologia *outra* é fazer emergir a voz do próprio sujeito, sem que outros falem por ele como o pensamento eurocêntrico sempre fez. E, ressignificamos o Turbante dentro de nossas discussões, levando ao público-alvo a possibilidade *outra* para repensar e ressignificar a sua própria história, para além do que o pensamento colonial moderno implantou em nossas fronteiras.

Sendo assim, no dia 27 de fevereiro de 2019 às 15h30min nos reunimos em uma das salas de aula do curso de Artes Cênicas - Licenciatura na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UUCG para realizarmos as atividades relacionadas à *Palestra-Oficina – (des)Colonizando o Turbante na Cultura Afro-Brasileira* durante o horário da Disciplina de História da Arte ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira.

O grupo contou com 41 participantes, dentre eles a ministrante da palestra-oficina, a professora e então mestranda Gilmara de Souza de Brito; o seu orientador do mestrado e professor dos alunos participantes da atividade, o professor Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira; a também professora dos alunos Dra. Gabriela Di Donato Salvador Santinho e as/os discentes participantes, sendo 28 alunos/alunas da 1ª série, 9 alunos/alunas da 4ª série e 1 aluno convidado da 2ª série, todos discentes do curso de Artes Cênicas e Dança-Licenciatura UEMS/UUCG.

2. Metodologia

A partir do momento da divulgação da palestra-oficina aos alunos, foi solicitado que eles levassem tecidos para a atividade, de preferência em malha ou tricoline, com as seguintes recomendações de tamanhos: para tecido em malha 1,40 m X 40 cm e para tecido em tricoline 1,60 m X 50 cm. Nas cores e estampas seguindo as preferências de cada um.

Iniciamos a palestra-oficina fazendo um questionamento sobre a (im)posição histórica na qual se erigiu a nossa formação sócio-histórico-cultural em bases eurocêtricas, e tivemos um momento entre explanação e discussões que durou cerca de 1h, apontamos as teorias descoloniais e pós-coloniais e as epistemologias *outras* propostas em nossa pesquisa de mestrado para propormos aos discentes seguirem nas reflexões e vimos surgir diversos apontamentos que os próprios alunos faziam em suas contribuições. O que seria, inicialmente, uma palestra, se tornou uma roda de conversa com muitas trocas.

Após a explanação, foram apresentados dois vídeos (constam nas referências), um com duração de cerca de 10 minutos que abordou sobre tecidos, tamanhos e cores para Turbantes – essa é a fase da palestra-oficina denominada “com o pano em mãos” – e o outro com duração de cerca de 5 minutos que é um tutorial de amarração de Turbantes.

Em seguida, os discentes foram instruídos a fazerem dos seus tecidos os seus Turbantes, tendo em mente as teorias apresentadas durante a explanação inicial. Após as amarrações de Turbantes tivemos um momento informal de trocas de experiências. Foi o momento dos sujeitos falarem por si, o que sentiram com a experiência, sobre as teorias, os Turbantes e etc.

O momento envolveu discussões e abordagens que, a partir do pano que se tornou Turbante o sujeito existe enquanto afro-brasileiro independente da cor de sua pele, mas na sua cultura. Ele (re)existe ali, naquele momento, enquanto sujeito estimulado pelas possibilidades *outras* que foram levantadas nestas 2 horas de (re)conhecimento.

3. Resultados

Foi observado um grande interesse por parte dos alunos, tendo em vista que todos eles estavam com seus tecidos para a realização da atividade, ou seja, prepararam-se para ela. Além da grande participação deles durante os trabalhos, a maioria já conhecia as teorias que nos embasamos e contribuíram de forma muito rica com as abordagens, constatamos também que em vários momentos alguns alunos falaram de suas experiências pessoais.

Ademais, durante a atividade prática de amarração de turbantes, todos se envolveram amarrando os seus próprios turbantes e ajudando os colegas a também amarrarem os seus. Tiraram muitas fotos para deixar registrado aquele momento e foi nítido o quanto gostaram da proposta e da sua realização.

A partir das atividades, das falas e das abordagens que tivemos, foi ressaltado em vários momentos que a razão pela qual esta proposta de intervenção estava se concretizando para eles (alunos de um curso de licenciatura) é a relevância que esta pesquisa tem para o campo educacional. E, enquanto alunos e futuros licenciados serão aqueles os quais esperamos atingir com os nossos objetivos para que levem adiante em suas vidas pessoais e profissionais as propostas apresentadas.

Sendo assim, podemos afirmar que o resultado da atividade foi satisfatório e conseguimos alcançar o objetivo proposto para aquele momento da palestra-oficina. Os resultados para além da atividade realizada naquele dia, ou seja, no campo pessoal e profissional dos participantes envolvidos nela, somente o porvir nos dirá, e, já pode ser pensada como uma pesquisa para outro artigo.

4. Conclusões

Podemos concluir que uma atividade de intervenção como a apresentada traz possibilidades de reflexão. É fato que vivemos em uma sociedade que relegou a cultura afro-brasileira à margem, e ressignificar esses elementos culturais a partir de atividades que possibilitem discussões e vivências motivadoras torna a transformação possível. Claro que a atividade em questão ocorreu apenas em um dia por algumas horas, porém, é necessário ressaltar que seus resultados ocorrerão no decorrer de suas vidas e, como aqui proposto, nas práticas profissionais dos envolvidos, já que são estudantes de licenciatura. Por isso, para a obtenção de maiores resultados, torna-se necessário uma pesquisa maior junto aos envolvidos na intervenção para colher suas experiências e possíveis práticas após a atividade.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “*Biogeografias Como Episteme Local: Fronteiras Platinas (Brasil/Paraguai/Bolívia)*”. In: Bessa-Oliveira, Marcos Antônio. NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano; S. FREIRE, Zélia R. Nolasco dos, *Fronteiras Platinas em Mato Grosso do Sul – (Brasil/Paraguai/Bolívia) – biogeografias na arte, crítica biográfica fronteira, discurso indígena e literaturas de fronteira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017 – P. 29-63.

BRASIL. *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < [HTTP://www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)> Acesso em: 05 nov. 2017.

_____. *Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: < [HTTP://www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)> Acesso em: 08 mar. 2018.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

OLLEBAR. Sá. Como amarrar turbante rápido e fácil – VEDA. *Youtube*. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D6SAOk8Ba8U>> Acesso em: 17 out. 2020.

_____. Como fazer turbante, quais tecidos, medidas e onde comprar - Preta Pariu. *Youtube*. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8QVNAu8-hbo>> Acesso em: 17 out. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. In: *Journal of world-systems research*, vi, 2, summer/fall 2000, 342-386 Special Issue: Festschrift for Immanuel Wallerstein – Part I.

_____. Colonialidade do poder, globalização e democracia. *Revista Novos Rumos*, v. 17, nº 37, p. 4-25, maio. /ago. 2002.